

REFLEXÕES ACERCA DO MARXISMO “HERÉTICO” DE ERNST BLOCH

[REFLECTIONS ON ERNST BLOCH'S "HERETICAL" MARXISM]

Marta Maria Aragão Maciel

Possui Graduação em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2010), e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2013). Possui doutorado pelo Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN (2018). Tem experiência na área de Filosofia Social e Política, com ênfase no pensamento crítico do filósofo alemão Ernst Bloch. No ano de 2017, atuou junto ao grupo de pesquisa Sobiapol, na Université Paris-Ouest Nanterre la Défense (Paris X).

(E-mail: maciel_mart@yahoo.com.br)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 02/03/2019

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Resumo: O presente texto objetiva uma abordagem, no interior do pensamento de Ernst Bloch (1885/1977), acerca da relação entre marxismo e utopia: um vínculo incomum no interior do marxismo, comumente tido numa oposição inconciliável. Daí a apropriação do termo “herético” em referência ao marxismo do autor alemão: a expressão é usada não em sentido pejorativo, mas apenas para situar seu distanciamento do marxismo vulgar, bem como sua intenção de crítica radical dessa tradição. Aqui entendemos que é, em particular, por meio da relação entre marxismo e utopia que o pensamento de Ernst Bloch aparece como um projeto inelutavelmente político com vistas a uma filosofia da práxis concreta na principal obra do autor: *O Princípio esperança (Das Prinzip Hoffnung)* [1954/1959]. Neste livro encontramos, com efeito, a tentativa de pensar a atualidade do marxismo para o contexto do século XX, a era das catástrofes, conforme definição do historiador Eric Hobsbawm.

Palavras-chave: Marxismo. Utopia. Dialética. Crítica social. Cultura.

Abstract: This paper presents an approach within the thinking of Ernst Bloch (1885/1977) about the relation between Marxism and Utopia: an unusual link within Marxism, commonly held in an irreconcilable opposition. Hence the appropriation of the term "heretical" in reference to the German author's Marxism: the expression is used not in a pejorative sense, but only to situate its distancing from vulgar Marxism, as well as its intention of a radical critique of this tradition. Here we understand that it is particularly through the relationship between Marxism and Utopia that Ernst Bloch's thought appears as an ineluctably political project with a view to a philosophy of concrete praxis in the principal work of the author: *The Principle Hope (Das Prinzip Hoffnung)* [1954/1959]. In this book we find, in effect, the attempt to think the actuality of Marxism in the context of the age of catastrophe - as defined by Eric Hobsbawm - that is, the long twentieth century that experienced the extreme barbarism of the concentration camp, of which the thinker in question, Jewish and Communist, managed to escape.

Keywords: Marxism. Utopia. Dialectics. Social criticism. Culture.

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

A partir de Marx superou-se o caráter abstrato das utopias; a melhora do mundo acontece como trabalho em e com a correlação dialética das leis do mundo objetivo, com a dialética material de uma história compreendida e conscientemente produzida.

A epígrafe acima, extraída da obra *O Princípio Esperança (Das Prinzip Hoffnung)* [1954/1959] – no dizer de Arno Münster, “um dos textos mais importantes no interior da discussão marxista de nossa época” (MÜNSTER, 1997, p. 15) –, resume, de certa maneira, um dos objetivos do projeto filosófico-político de Ernst Bloch (1885-1977). Tal objetivo se evidencia na relação existente entre marxismo e utopia, presente na quase totalidade de sua obra: nesta, o autor conclui na afirmação, aparentemente paradoxal, de que o marxismo é utopia. Para uma compreensão do significado que tal abordagem assume no pensamento filosófico aqui em questão, precisamos considerar o contexto político, econômico e cultural, mais precisamente as profundas transformações e acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XX, pano de fundo das questões presentes na produção teórica de Bloch. Com efeito, o século XX que conheceu experiências inéditas da violência produzida em massa em fenômenos limite como o campo de concentração e a barbárie produzida pelo stalinismo representou um espelho refletor que deu origem a inúmeras obras literárias e filosóficas distópicas que anunciaram/anunciam o fim e o fracasso de todo discurso emancipatório, lançando sobre o real um pessimismo, por assim dizer, “ontologizado”, produzindo “um tipo de realismo que parece existir como tal apenas na resignação” (BLOCH, 2006, p. 452).

Ao longo de seus 92 anos, o filósofo alemão Ernst Bloch [1885-1977] produziu uma imensa obra, ao mesmo tempo literária e filosófica, dedicada à busca de interpretação e atualização dos sonhos de utopia produzidos pela história pregressa. Na erudita e enciclopédica obra madura do autor, *O Princípio Esperança*, escrita no exílio nos anos do avanço nazista na Europa, se desenha precisamente a tentativa de refletir a atualidade das ideias de utopia e futuro, oferecendo, pois, um desmentido ao que Paul Tillich [1886-1965] denominará o “efeito antiutópico da imigração” (BOURETZ, 2011, p. 690). Nos anos de reclusão nos Estados Unidos, foi marcante para Bloch o pessimismo a que, em sua visão, teriam culminado Adorno [1903-1969] e Horkheimer [1895-1973], os dois mais importantes pensadores da *teoria crítica*. A *Dialética do esclarecimento* [1944] – assim como *O Princípio esperança*, livro também produzido no exílio americano – teria caído, na visão de Bloch, num pessimismo que teria deixado pouco espaço de atuação para o pensamento crítico.

No contexto do século XX, a *opus magna* do autor alemão assume um caráter eminentemente político: seu autor, marxista e judeu, posiciona-se ante as grandes questões postas ao movimento dos trabalhadores. De relevância central é a sua posição relativa à questão judaica, tornando-se radicalmente contra ao fascismo judaico do sionismo de Theodor Herzl (1860-1904), que apregoava a formação de um Estado judaico na Palestina “mediante astuta consideração de manobras existentes e imperialistas de algumas potências” (BLOCH, 2006, p. 158). Conforme Bloch, tal processo contribuiu para que também “o Estado de Israel se tornasse fascista” ((BLOCH, 2006, p. 162).

No contexto de crise do ideário emancipatório, se deflagrou uma “crise no marxismo”, conforme constatou Karl Korsch, precisamente ante sua incapacidade de responder às grandes questões surgidas no capitalismo que havia engendrado a guerra e o campo de concentração. A crítica radical que Bloch considera fundamental dirigir ao

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

marxismo vulgar está vinculada à recusa de uma concepção determinista e objetivista da história (ou seja, antidialética) – e, pois, das consequências teóricas e práticas que daí surgiram, como é o caso da atuação da socialdemocracia no processo revolucionário na Alemanha –, fundada na concepção de um desenvolvimento e progresso inevitáveis das forças produtivas na história. Foi precisamente ante a necessidade de combater um marxismo deturpado, positivista, que o filósofo alemão ressaltou, em seu pensamento, também as forças subjetivas no processo histórico. Nesse aspecto da questão, é fundamental “reivindicar a figura de Ernst Bloch como pensador marxista” (ZECCHI, 1978, p. 7), sob o risco, em caso contrário, de não se compreender essa obra em seu real intuito de contribuir para resgatar o marxismo como uma *teoria crítica*¹. Assim,

O marxismo de Bloch [...] é mais bem entendido como crítica da tradição marxista, a qual, em nome da prática revolucionária, degrada, num esquematismo pragmatista, a imaginação revolucionária; tal atitude leva a degenerar o marxismo em um dogma, tomando-se o pensamento de Marx apenas pela metade ao privilegiar um naturalismo cientificista das “leis da história (VIEIRA, 2010, pp. 29-30).

A crítica a esse marxismo “cientificista” perpassava precisamente o resgate da dialética, do ponto percebido por Marx como o cerne da dialética, ou seja, a do homem trabalhador, ativo, fabricante da história, aquele que “anula o destino na história” (BLOCH, 2005, p. 249). Daí a insistência no sujeito histórico. Aliás, o resgate do conceito de utopia somente ganha sentido como resgate da dialética sujeito-objeto.

Desde *O Espírito da Utopia* (1918-1923), Bloch já havia exposto a centralidade do conceito de utopia em seu pensamento. Em *O Princípio Esperança* tal questão ganha relevância significativa, de maneira tal que poderíamos, sem receio, defini-la como a problemática que orienta a compreensão do texto. Logo, é como recusa de uma concepção linear do tempo histórico – numa crítica ao conceito de progresso típico das filosofias burguesas, presente também no marxismo vulgar – que, conforme esclarece Catherine Piron-Audart, a filosofia de Bloch tenta “reabilitar, no seio do marxismo, uma antropologia da imaginação constituinte e da esperança militante” (PIRON-AUDART, 1976, p. 109).

¹ Aqui, evidentemente, tomamos a ideia de teoria presente no movimento da chamada Escola de Frankfurt, malgrado o afastamento que Bloch insiste ter ante tal movimento. Tal ideia de teoria é oriunda, contudo, do marxismo, tal como Bloch debate amplamente em sua discussão sobre as *Teses contra Feuerbach*, no 19º capítulo da imensa obra *O Princípio esperança*. No contexto da *teoria crítica* é claramente refletido – e é justamente isso que pretendemos extrair aqui – que a ideia de conhecimento não existe desvinculada das relações histórico-sociais, de modo que uma orientação meramente hermenêutica da teoria não serviria para fundamentar uma teoria social crítica. Em outras palavras, a atividade teórica não deve ser tomada de um modo isolado, separado da atividade prática, de modo que ao falar em teoria crítica, de uma teoria dialética, falamos em uma teoria que se recusa a simplesmente descrever o real existente. Também poderíamos sugerir, no contexto do pensamento de Bloch, que a crítica é autocrítica, à medida que recusa o determinismo antidialético do marxismo vulgar, que teria caído numa teoria de um tipo tradicional. Nessa perspectiva, como bem esclarece Max Horkheimer, “a teoria crítica da sociedade, ao contrário [de uma teoria tradicional], tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não é para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ela” (HORKHEIMER, 1980, p. 155).

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

O significado e o papel do conceito de utopia no pensamento de Ernst Bloch só podem ser compreendidos, todavia, em associação com certa teoria dos afetos (ou dos desejos) humanos presente na obra máxima. De maneira geral, poderíamos dizer que, na base do pensamento do autor alemão, está uma tentativa, ainda não realizada no interior do marxismo, de associar a concepção do materialismo histórico-dialético com a dimensão psicológica do homem.

Tal tentativa se realiza com base em uma teoria dos afetos ou pulsões humanas. Na visão do filósofo alemão, o homem, como ser vivo, é um ser de necessidades que, impulsionado pela busca de satisfazê-las, direciona-se a um alvo, algo exterior relativo ao preenchimento dessas carências. Diferentemente do animal, que busca a satisfação de tais carências mediante o instintivo ato do apetite, o homem o faz por antecipação, isto é, ele imagina a forma do seu objeto. Portanto, o que existe é o homem com um corpo vivo que necessita manter-se. O autor alemão conclui, nessa perspectiva, que por mais variadas que sejam as pulsões humanas, ou seja, os fatores que impulsionam os atos humanos, estes seriam determinados, em última instância, pelas necessidades do corpo vivo de se auto-preservar. Assim, “só existe continuamente o corpo que quer se manter e por isso come, bebe, ama, domina. É somente ele que age nas pulsões, por mais diversificadas que elas sejam” (BLOCH, 2005, p. 53). É neste contexto que Bloch realiza uma reflexão sobre as diferentes concepções da pulsão humana básica e, mais fundamentalmente, com Sigmund Freud, em virtude da relevância de sua teoria da interpretação dos sonhos.

Como é sabido, o mais importante pensador da psicanálise expõe o pecaminoso sexo da tradição como meio de explicar as neuroses e doenças mentais em geral, levando o impulso sexual a tornar-se a mais importante pulsão humana. Desse modo, os atos humanos, o simples ato de sugar do lactante, estariam associados ao instinto sexual. Com base na descoberta do inconsciente, que se manifesta em especial no sonho noturno, e se reporta a conteúdos sexuais reprimidos, Freud leva os sonhos, que não seriam meras fantasias sem sentido, para o interior da ciência.

É exatamente tal questão que Ernst Bloch, assim como Freud, considera a grande descoberta da psicanálise, a saber, “que os sonhos são realizações de desejos” (FREUD, 1996, p. 363), e, portanto, vida psíquica não coincide com consciência. No entender de Bloch, todavia, nos teóricos da psicanálise², e em suas pulsões fundamentais, ocorre a absolutização, o surgimento de um ídolo: no caso de Freud, a libido. A psicanálise trata de um sujeito solipsista, e não do homem real, suas pulsões nunca consideram variações sócio-econômicas como classe e época. Conforme Bloch,

Elas não se destacam de modo tão evidente como, por exemplo, a fome, que psicanaliticamente foi deixada de fora em toda parte [...]. Só ela é tão fundamental – a despeito de toda mudança que possa ocorrer – a ponto de colocar em movimento as outras pulsões (BLOCH, 2005, p. 67).

² Bloch também realiza uma abordagem a respeito de outros teóricos da psicanálise, em especial C. G. Jung, “o fascista psicanalítico”, e Alfred Adler, aluno de Freud que, se confrontando com o mestre, eliminam a libido como mola propulsora fundamental nas ações humanas, inserindo outras pulsões como impulso humano fundamental: em Adler, a pulsão de potência; em Jung, a pulsão de êxtase.

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Ao se utilizar do termo fome no sentido mais geral de auto-preservação, Bloch critica arduamente a psicanálise por sua consideração a-histórica do homem:

A fome e a preocupação restringem a libido na classe inferior: ali há sofrimentos menos nobres [...]. Os conflitos neuróticos do proletariado infelizmente não consistem de algo tão bem situado como a ‘fixação da libido em determinadas zonas erógenas’ de Freud [...]. A angústia diante da perda do emprego dificilmente será um complexo de castração (BLOCH, 2005, p. 67).

Se todos os impulsos têm um caráter intencional, pois visam a um fim, qual seja, o objeto que saciará um desejo, é precisamente o fato da fome que se liga ao mais importante afeto no homem: a esperança. O anseio da espera no homem representa o perceber-se com a carência de algo, portanto, como um ser incompleto, não contente com seu estado de ser presente. É na fome que se enraíza a esperança de superar uma ausência no presente, voltando-se para o futuro. Bloch aponta o fundamento de tal questão no próprio Karl Marx (1818-1883), em sua obra *O Capital* (1867), em um paradigmático fragmento não tão levado em consideração:

Presumimos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao ser humano. Uma aranha executa operações similares às do tecelão, e, através de seus favos de cera, uma abelha faz corar de vergonha certos arquitetos humanos. Porém, o que de antemão distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera; no final do processo de trabalho tem-se um resultado que já existia na imaginação do trabalhador no início do mesmo, ou seja, já existia de modo ideal. Ele não efetua apenas uma transformação na forma do real; ele simultaneamente torna real no âmbito do natural o seu propósito, que ele conhece, que determina como lei seu modo de agir, e ao qual tem de submeter a sua vontade (BLOCH, 2005, p. 78).

Dessa maneira, com base em certa apropriação de Marx, e destacando, em especial, os sonhos diurnos (relevância essa que a psicanálise não considera), Bloch interpreta os sonhos acordados, as produções culturais humanas. Nesse sentido, ao se apropriar também de Freud, conclui que não somente os sonhos noturnos, mas também e, em particular, os sonhos diurnos, representam a realização de desejos. Afinal, o sonho diurno não é opressivo, pois estando sob nosso poder, não há nele um ego moral censurador. Os sonhos diurnos não remetem a conteúdos reprimidos que já tiveram existência. Ao contrário, trata-se de um conteúdo *para a frente*, para o futuro: são conteúdos de um ainda não consciente, referentes a algo que nunca teve existência. São, portanto, conteúdos da esperança no homem que, por se sentir incompleto, almeja, no futuro, a superação de uma privação presente. Essa esperança, afirma Bloch, “está fundada no impulso humano para a felicidade e dificilmente poderá ser destruída, e com suficiente clareza ela sempre foi um motor da história” (BLOCH, 2005, p. 430). Esses conteúdos ainda-não-conscientes estariam presentes em fenômenos culturais como a arte, a música, a arquitetura, as utopias sociais

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

propriamente ditas, etc. Em tais conteúdos residiriam as utopias que, negadoras do presente, prospectam em torno do futuro. Daí Bloch se contrapor ao “objetivismo” economicista, freqüente em algumas tendências do marxismo no século XX, pois uma apropriação dialética de tais conteúdos seriam, em sua visão, da maior importância prática.

Aos sonhos diurnos e ao afeto da esperança, Bloch associa o conceito de princípio utópico que, “no bom sentido, a rigor torna-se aqui ainda mais central, qual seja: o da esperança e de seus conteúdos ligados à dignidade humana” (BLOCH, 2005, p. 17). Aqui apresenta-se a centralidade do termo utopia, utilizado de início por Thomas Morus, em seu romance *Utopia*, cuja expressão passou a ser remetida a modelos abstratos de um Estado ideal. Bloch, no entanto, retoma o termo em um sentido que se separa de tal tradição. Conforme Münster:

Para Bloch a utopia não constitui um *topos* idealizado ou projetado, como era para Platão e para os filósofos do Renascimento (Thomas Morus, Campanella, Bacon); utopia é, em primeiro lugar, um *topos* da atividade humana orientada para um futuro, um *topos* da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos diurnos (MÜNSTER, 1993, p. 25).

Em 1877, Friedrich Engels (1820-1895), principal colaborador de Marx, escreveu seu importante ensaio *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (1880), inscrevendo o socialismo moderno como expressão teórica dos antagonismos de classe que estariam, no contexto em questão, em estado de latência. O título do texto de Engels evidencia uma concepção geral presente na tradição marxista: a da impossibilidade de, em sentido geral, associar marxismo e utopia (no caso em questão, restritas às utopias sociais e políticas de um Estado ideal), precisamente por isso denominando-o socialismo científico. Dessa maneira, tomando como pressuposto certo caráter “pejorativo” que o termo utopia ganhou em certos setores marxistas, poderíamos postular a seguinte questão: como Ernst Bloch, pensador marxista, pôde apresentar o marxismo como utopia sem deixar de, ao mesmo tempo, ser “científico”?

Na síntese de pensamento inédita que constitui *O Princípio esperança*, utopia e ontologia surgem como conceitos próximos. Nessa linha, apropriando-se do conceito aristotélico de matéria³, Bloch reflete acerca do conceito de possibilidade, na base do qual se entende o real como abertura, como algo não concluído que traz em si a possibilidade de ser um outro. Escreve o filósofo:

É nesse conceito mais abrangente da possibilidade real que tem o seu lugar o *dynámei ón* (ser-em-possibilidade), expressão com que o próprio Aristóteles definiu a matéria [...]. Aristóteles foi o primeiro a reconhecer a possibilidade *realiter* na constituição mesma do mundo (BLOCH, 2005, p. 232).

³ É fundamental a retomada de Bloch dos desdobramentos da concepção aristotélica pela “esquerda aristotélica”, representada, no seu entender, pelos filósofos materialistas panteístas da Idade Média, como Avicena, Averrois, Amalrico de Bena, entre outros, e enriquecido pelo ateísmo humanista de Giordano Bruno no Renascimento (Cf. BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. I, p.233.).

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Associando o conceito aristotélico de matéria (e seus desdobramentos posteriores) como possibilidade ao materialismo histórico-dialético, Bloch formula uma *ontologia do ainda-não-ser* que tem, em sua base, um novo conceito de realidade: se o real é processo, possibilidade e inconclusão, é também o possível, o futuro contido em suas entranhas. Daí o conteúdo subjetivo da esperança ter a possibilidade de concretização por ter um correlato objetivo: o caráter inconcluso e aberto da própria realidade material. É precisamente com tal pressuposto que podemos ensaiar a resposta à questão anterior pois, valendo-se dele, Bloch realiza a diferenciação entre as utopias abstratas e utopias concretas.

Em *O Princípio Esperança*, Bloch caracteriza as produções humanas como a arte, a mensagem revolucionária na tradição bíblica judaico-cristã⁴, as utopias médicas, geográficas, técnicas (Francis Bacon), não excluindo as utopias político-sociais (Thomas Morus, Platão, Joaquin de Fiori, Jâmbulo, Capanella, Owen, Fourier, entre outros), como utopias abstratas, pois expressam mais uma tendência subjetiva, um desejo que almeja a superação social, embora não mediada pela realidade concreta, ou seja, com as condições de ordem econômico-materiais. Para o autor alemão, com o marxismo a utopia se tornou concreta, uma vez que passível de realização, pois considera a interação recíproca entre o homem transformador – e impulsionado também por suas imagens de desejo, pelas utopias – e a realidade passível de ser transformada. Nesse sentido, Bloch escreve:

A partir de Marx superou-se o caráter abstrato das utopias; a melhora do mundo acontece como trabalho em e com a correlação dialética das leis do mundo objetivo, com a dialética material de uma história compreendida e conscientemente produzida (BLOCH, 2006, p. 138).

Para o filósofo de Ludwigshafen, o marxismo é utopia concreta precisamente por considerar as condições reais que possibilitam a concretização material de um desejo subjetivo (de classe). Em sua leitura, o pensamento marxista surge como uma filosofia do futuro, a medida que voltado, com a defesa de superação da realidade presente, ao futuro. Tal direcionamento só foi possível, como podemos perceber com base na importância dada por Ernst Bloch às *Teses sobre Feuerbach*, em um diálogo com dois pensadores fundamentais para a formação do marxismo: Hegel e Feuerbach.

Bloch vislumbra a importância de Ludwig Feuerbach (1804-1872) – importância essa já assumida por Marx - fundamentalmente em sua ruptura com o idealismo alemão, conclamando os homens a “retornar das puras idéias à contemplação sensorial, do espírito ao homem, incluindo a natureza como sua base” (BLOCH, 2005, p. 147). Rompendo não somente com o idealismo hegeliano, mas também com os materialistas “puros”, o autor d’*A essência do cristianismo* (1841) concebe a centralidade da sensibilidade como meio de cognição, como base real do conhecimento, pois apreende o homem não somente como sujeito, mas da mesma forma como objeto sensível.

Marx logo rompeu com Feuerbach e com seu materialismo antropológico, todavia, a medida que este se baseava em uma concepção passiva e contemplativa da sensibilidade humana, portanto, numa perspectiva abstrata e a-histórica. Em outros termos, na visão de

⁴ Sobre a reinterpretação de Bloch da tradição cristã é também fundamental seu livro *Thomas Müntzer: teólogo da revolução*, publicado em 1922. (Cf. BLOCH, Ernst. *Thomas Müntzer: teólogo da revolução* [1963]. Trad. br. Vamireh Chacon e Celeste Aída Galeão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.).

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Bloch, a crítica feuerbachiana a Hegel permanecia no interior do idealismo. Acima de tudo, Feuerbach não poderia ir muito longe por rechaçar o que precisamente de revolucionário havia em Hegel. Nesse sentido, escreve que “Feuerbach não conseguiu encontrar o caminho até a realidade; ele jogou fora justamente o mais importante em Hegel, o método dialético-histórico” (BLOCH, 2005, p. 250).

É na dialética hegeliana, desconsiderada por Feuerbach, que Bloch indica a grande saída de Marx em direção ao futuro possível. Disto resulta a importância dada por ele às *Teses sobre Feuerbach*, “as primeiras a indicar o caminho do mero anti-hegelianismo para a realidade passível de transformações” (BLOCH, 2005, p. 250). Se Ludwig Feuerbach, ao não conceber a sensibilidade também como atividade, não conseguiu ir além de um materialismo contemplativo, no idealismo moderno, ao contrário, como expressão epistemológica de uma sociedade movida pelo *ethos* do trabalho, o conceito de atividade ganha relevância teórica. Tal processo ocorreu de forma mais decidida em Hegel, pois teria sido o primeiro a tratar seriamente a dinâmica do conceito de trabalho:

Não há melhor testemunha da relevância da fenomenologia, que nem mesmo foi compreendida por Feuerbach, do que Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*: a grandeza da fenomenologia [de Hegel] é vista por Marx justamente no fato de que ela ‘capta a natureza do trabalho e compreende o homem concreto, o homem verdadeiro por ser real, como resultado de seu próprio trabalho’ (BLOCH, 2005, p. 254).

Acrescenta ainda: “falta ao materialismo anterior à relação permanentemente oscilante entre sujeito e objeto, que se chama trabalho” (BLOCH, 2005, p. 254).

Hegel introduziu, com efeito, o critério da práxis na teoria do conhecimento com base na interação recíproca, permanente e oscilante entre sujeito e objeto. Contudo, apenas abstratamente considerou esse lado ativo, representado pelo trabalho, uma vez que o idealismo não conhece a verdadeira atividade humana, prático-sensível. Dessa maneira, conclui Bloch que todas as concepções anteriores se distinguem da concepção teoria-práxis de Marx, concepção esta que conduz à conclusão de que a realidade não é um dado, algo pronto e acabado. Trata-se, antes de qualquer coisa, da atividade humana que transforma não só objetiva, bem como subjetivamente.

Já no *Manifesto Comunista* Bloch descobre o que levou Marx ao ponto arquimédico e, portanto, à teoria-práxis, pois, não tendo aparecido em nenhuma filosofia anterior a Marx, dificilmente foi completamente refletido por ele. No *Manifesto*, diz Marx: “Na sociedade burguesa o passado governa o presente, na sociedade comunista o presente governa o passado” (BLOCH, 2005, p. 278). De fato, o ponto arquimédico, o que possibilitou ao marxismo tornar-se uma utopia concreta foi a descoberta do futuro como possibilidade real que pode concretizar-se por meio da ação dos homens, em suma, foi a descoberta do homem trabalhador. Dessa forma, conclui Ernst Bloch: “o marxismo, como ciência tendencial histórico-dialética é, assim, a ciência do futuro mediada da realidade mais a possibilidade real-objetiva que está contida nela; tudo isto tendo como propósito a ação” (BLOCH, 2005, p. 278).

Nesse sentido, é fundamental a crítica blochiana ao historicismo em sua visão mecânica de um progresso crescente. Para Bloch, tal concepção de um progresso linear e

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

irrefreável amparou-se, sobretudo, na fé em um progresso tecnológico que nada, nenhum obstáculo, poderia conter. Para o pensador alemão, tal compreensão baseia-se em uma concepção não-dialética da realidade, concepção reducionista e tacanha que penetrou no próprio marxismo com a social democracia da Segunda Internacional. A socialdemocracia, para Bloch, caiu em um anti-marxismo, em uma concepção passiva e contemplativa que, em uma compreensão determinista, com seu objetivismo econômico, concebeu a emancipação como o produto de um progresso automático, como fruto inevitável das próprias contradições econômicas. Dessa forma, Bloch conclui que esse

Otimismo banal e automático do progresso [...] é apenas uma reprise do quietismo contemplativo [...] nessa linha, por exemplo, o capitalismo foi declarado como seu próprio cozeiro, simplesmente deixando que funcione até o fim [...] mesmo uma pitada de pessimismo seria preferível à fé no progresso automático [...] diante das terríveis possibilidades que estavam e estão implicadas no avanço capitalista (BLOCH, 2005, pp. 196-197).

É precisamente a descoberta desse ponto arquimédico, assumido primeiramente por Marx, que Bloch atrela à sua ontologia do ainda-não-ser, uma teoria do que ainda não se concretizou até o momento. Na base de tal teoria está a aversão a toda concepção mecanicista da matéria, que não dá espaço para a abertura tanto subjetiva quanto objetiva e, portanto, não dá espaço para a possibilidade humana presente na história. Conforme Bloch:

A possibilidade real não reside numa ontologia acabada do ser do que existiu até o momento, mas na ontologia, a ser renovadamente fundada, do ser do ainda não existente, que descobre futuro até mesmo no passado e na natureza como um todo (BLOCH, 2005, p. 234).

Com base em sua ontologia do ainda-não-ser, Bloch conclui que os conteúdos subjetivos do sonho diurno são imagens utópicas, desejantes, que concernem à antecipação de um futuro possível.

É aí que se situa a sua crítica mais dura à psicanálise freudiana e à sua teoria do sonho, pois o inconsciente freudiano liga-se somente a regressões, a um passado esquecido. Para Freud, mesmo produções humanas como a arte e a ciência não passam de sublimações, em que o instinto sexual busca satisfação por meios mais aceitos pela sociedade. Para Bloch, ao contrário, as grandes obras de arte, por exemplo, trazem em si mesmas, em sua aparência, conteúdos antecipatórios, que almejam o futuro possível, tratando-se, portanto, não de regressões, mas de conteúdos utópicos, progressivos. Nesse sentido, contrariando o princípio platônico, “a arte é não ilusão” (BLOCH, 2005, p. 134). Daí Bloch concluir: “o sonho noturno pode até se referir ao não-mais-consciente, regredindo em direção a ele. Mas o sonho diurno é aplicado a algo que, caso não seja novo em si mesmo, no seu conteúdo objetivo, pelo menos o é para o sonhador” (BLOCH, 2005, p. 117).

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Contra-pondo-se à tradição contemplativa, voltada ao passado - pois só o passado pode ser contemplado (contra a psicanálise e a tradição da filosofia anterior a Marx) -, Bloch conclama Marx a anunciar, em sua 11ª tese, como imperativo categórico, a superação do ser presente em nome do futuro possível: “Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de diferentes formas; trata-se, porém, de transformá-lo” (BLOCH, 2005, p. 271). Somente a concepção teoria-práxis de Marx, que pressupõe a relação recíproca entre sujeito e objeto, mediada pelo trabalho humano real, pode considerar a realidade também como o ainda-não-ser: como o futuro possível. Conforme Bloch,

O marxismo sobretudo foi o pioneiro em proporcionar ao mundo um conceito de saber que não tem mais como referência essencial aquilo que foi ou existiu, mas a tendência do que é ascendente. Ele introduz o futuro na nossa abordagem teórica e prática da realidade [...]. Dessa maneira, o marxismo resgatou o núcleo racional da utopia e o da dialética da tendência, [...] trazendo-os para o concreto (BLOCH, 2005, p. 141).

É como filosofia do futuro – “sendo ciência do novo e força para o seu direcionamento” (BLOCH, 2005, p. 279) – que se afirma o marxismo como *utopia concreta*. No contexto da era das catástrofes, se tratava, para Bloch, de um lado afirmar a viabilidade de um pensamento emancipatório – atualidade da utopia – e, de outro, resgatar o marxismo como uma teoria social crítica. Tal pensamento somente pode ser entendido como utopia concreta no vínculo essencial a ser estabelecido entre a corrente fria e a corrente quente do marxismo: com essa analogia, Bloch quer enriquecer o marxismo – e criticar sua tradição dominante – afirmando que somente no elo existente entre ambas as perspectivas o mesmo pode surgir como teoria crítica. É nessa mesma dimensão que Gérard Raulet escreve:

A filosofia de Bloch constitui a teoria crítica de uma emancipação concreta pela capacidade que ela tem de inscrever o utópico na história, e reabrir por essa inscrição a dimensão histórica da emancipação. É essa abertura sobre a história e na história que se realiza numa dupla hermenêutica, passado e futuro, assumindo a dupla tarefa crítica da teoria marxista (RAULET, 1976, p. 292).

A corrente fria consistiria na análise das condições de possibilidade para qualquer transformação revolucionária. Na definição do possível-real, entende-se, com efeito, que nem tudo é possível a qualquer momento, e nem em qualquer lugar. Como escreve o pensador, “possível é tudo que encontra as condições dadas em processo suficiente. Todavia, justamente por isso, tudo que não encontra as condições necessárias ainda é faticamente impossível” (BLOCH, 2005, p. 203).

Dito de outro modo, condições ausentes tornam a concretização de determinada finalidade irrealizável. E Ernst Bloch tem muito claro que, do ponto de vista objetivo, tais condições são sempre do âmbito da realidade econômico-material. Por isso, contra as acusações feitas ao pensamento de Ernst Bloch, fundadas na ideia de uma obra “subjetivista” e “idealista”, mais uma vez convém esclarecer o conceito de utopia concreta, no interior do qual se entende o marxismo como antecipação concreta e, nessa perspectiva, distinto das utopias pregressas:

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

A obrigatoriedade descoberta por Marx é totalmente distinta da exigência moral aduzida. Reside no âmbito das manifestações econômicas imanentes da própria sociedade capitalista e faz com que ela entre em colapso unicamente de forma dialético-imanente. O fator subjetivo de seu ocaso reside no proletariado, que foi produzido pela sociedade capitalista como sua contradição e que toma consciência de ser contradição. O fator objetivo de seu ocaso reside na acumulação e concentração do capital, na monopolização, na crise de afluência decorrente da contradição entre a forma alcançada de produção coletiva e a forma preservada de apropriação privada. Esses são os novos rudimentos de uma crítica econômica imanente. Inexistem quase por completo na utopia mais antiga, mas caracterizam a obra de Marx. [...] [Assim] Justifica e corrige as antecipações da utopia por meio da economia, das transformações imanentes dos modos de produção e troca, anulando desse modo o dualismo reificado entre ser e dever-ser, entre realidade empírica e utopia (BLOCH, 2006, pp. 174-175).

O que o vínculo entre a corrente fria e a corrente quente do marxismo pretende explicitar é o vínculo dialético a ser estabelecido entre infraestrutura e superestrutura na realização de qualquer processo de transformação do real. E, vale sempre repetir, a dialética recusa todo determinismo e toda relação unilateral, de modo que o vínculo que Ernst Bloch insiste entre o frio e o calor na análise concreta representa a compreensão – aliás muito marcada por certas experiências que o próprio pensador viveu no contexto europeu, em particular o alemão, de que pode ter sérias consequências uma interpretação determinista-econômica. Tal como indica o autor, ao referir-se ao contexto do século XX, e do modo como deu-se a inserção do marxismo (a socialdemocracia, em particular) no interior do movimento operário, falando de

Uma época que [...] não estava ameaçada pelo sonho, mas que se rendia a um empirismo raso. Como constatamos, para os reformistas o movimento passou a ser tudo, o alvo, nada. E dessa forma o próprio caminho acabou. [...] O sectarismo pseudo-radical que incorre igualmente em empirismo, ou seja, priva o marxismo precisamente da riqueza e da vida de profundidade que esse empirismo não entende. [...] Quando Marx colocou a dialética com os pés no chão [...], definitivamente não anunciou o empirismo e o mecanicismo que lhe são análogos (mundo bipartido). [...] [Marx recusou a] subnutrição da fantasia revolucionária (BLOCH, 2006, p. 176).

É nessa direção que Bloch esclarece, em entrevista concedida a Arno Münster no ano de 1975, que

No vínculo entre infraestrutura e superestrutura, devemos falar também da influência da superestrutura sobre a infraestrutura, e não somente da influência devastadora da infraestrutura sobre a superestrutura (tal como o faz o marxismo vulgar). A infraestrutura é a economia, e a

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

superestrutura, a ideologia (BLOCH, 2016, p. 202).

É na recusa de que o marxismo se transforme em um pensamento contemplativo, e, portanto, em uma filosofia do passado, incapaz de contribuir para a transformação do presente, que Ernst Bloch insiste na importância de uma corrente quente no marxismo. É nessa linha que ele próprio busca contribuir ao tematizar a *herança intacta* do passado. Toda a sua produção consiste, com efeito, na insistência de que o marxismo faça uma “apropriação crítica do legado cultural” (BLOCH, 2005, p. 273), legado esse presente nas utopias (ainda que abstratas), tais como as utopias propriamente políticas, as utopias técnicas, as utopias médicas, etc. O filósofo tem a clareza, todavia, de que as utopias abstratas do passado, em virtude da ausência dos pressupostos econômico-materiais para sua realização, não teriam se concretizado. Em *O Princípio esperança*, o filósofo de Ludwigshafen escreve:

As condições econômicas, que a vontade radical pelo reino milenar desde Joaquim de Fiori até os milenaristas ingleses preteriu e até teve de preterir [...], em virtude da agenda capitalista ainda por acontecer, de modo algum seriam do tipo que conduz ao reino do amor. Tudo isso se tornou plenamente compreensível pela descoberta marxista de que a teoria-práxis concreta está estreitamente ligada à aqui investigada possibilidade real-objetiva (BLOCH, 2005, p. 204).

Ainda que “as condições de última instância [...] [sejam] sempre de ordem econômica”, como pensa Bloch na direção do marxismo, tal afirmação de modo algum significa que a superestrutura não atue, igualmente, sobre a infraestrutura. Desse modo, se falamos em processo dialético, devemos pensar em relações recíprocas. Logo, o que o pensador está a refletir – e justamente essa perspectiva justifica todo o seu empreendimento filosófico – é que também a superestrutura tem influência sobre a infraestrutura:

A superestrutura age sobre a infraestrutura”. Mas o inverso é também verdadeiro: a infraestrutura condiciona a superestrutura de cada época, e uma superestrutura – aqui uma superestrutura revolucionária – atua igualmente a infraestrutura. Ela lhe confere, então, movimento e vida (BLOCH, 2016, p. 202).

Para Ernst Bloch, a França revolucionária, por exemplo, a França de 1789, é sempre lembrada. Um dos elementos presentes no âmbito da superestrutura – levada a cabo pelos enciclopedistas –, que teria contribuído para ativar a infraestrutura foi a imagem do *citoyen* da Antiguidade, “do cidadão da antiga Atenas, [ainda] que só tenha existido como falsa consciência, até o fim da Revolução Francesa” (BLOCH, 2016, p. 203). A corrente quente – “a razão presente no irracional” (BLOCH, 2016, p. 198) – mostra o alvo a ser buscado, a não ser perdido e esquecido, a ser enfatizado pela revolução, devendo se direcionar rumo a ele:

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

Quando o jovem Marx conclamou a que finalmente se raciocinasse, que se agisse “como uma pessoa desiludida, levada à razão”, não visava abrandar o entusiasmo pelo alvo, mas aguçá-lo. Apenas com tudo isso se tornou e se torna executável o que Marx postulou como “imperativo categórico”, a saber: “derrubar todas as situações em que o ser humano é um ser degradado, subjugado, abandonado e desprezível”. A melhor parte da utopia ganha chão, algo com pés e mãos. A partir de Marx explicitam-se a inserção da mais audaz intenção no mundo que acontece, a unidade da esperança e da noção de processo, enfim, o realismo. [...] E seguramente é apenas a utopia socialmente bem-sucedida, aliada à tecnicamente bem-sucedida, que permite definir aquele clarão prévio na arte, e mesmo na religião, que não é ilusão e nem superstição. Todavia, o marxismo representa a primeira porta para a condição que remove causalmente a espoliação e a dependência, logo a porta para um incipiente ser como utopia. Estabelece a libertação do destino cego, da necessidade indecifrável (BLOCH, 2006, p. 178).

Todavia, a corrente quente, em seu isolamento, é tão limitada quanto uma atuação que meramente teoriza sobre as condições de possibilidade, que pratica o “economicismo” criticado por Bloch. Nessa direção, conforme explicita Arno Münster, “um excesso de corrente quente é tão perigoso quanto uma corrente exclusivamente fria” (BLOCH, 2016, p. 199). A existência de uma corrente quente da revolução é mais antiga, no entender de Bloch, do que as revoluções que marcam nossa história recente, como as revoluções Francesa e Russa:

A história das revoluções é, com efeito, muito antiga, ela não começa com Spartacus, mas muito tempo antes dele. Na época de Spartacus, já existia uma grande tradição do pensamento revolucionário [...]. Spartacus é impensável sem uma corrente quente, e é assim que o entendemos constantemente, que nós usamos seu nome diretamente [...], como testamento que entende que a revolução tem necessidade de uma corrente quente (BLOCH, 2016, p. 199).

Dito de outro modo, o marxismo é utopia concreta pela possibilidade, nele existente, de fazer uma apropriação crítica – além da análise das possibilidades de ordem econômico-materiais – do legado cultural. No entender do autor, “somente juntos o frio e o calor da antecipação evitam que o caminho em si e o alvo em si sejam mantidos afastados um do outro de modo não dialético” (BLOCH, 2005, p. 207).

Em *O Princípio Esperança*, a tentativa de Ernst Bloch em retomar a discussão sobre o problema das utopias na história não se desvincula da crítica social do capitalismo. Bloch conclui no presente livro, escrito no período que permeia a Segunda Guerra, que sob tal forma de produção reservam-se as maiores catástrofes à humanidade: “a crise social do capital transitou por si mesma para o maior de todos os acidentes, o acidente social da guerra” (BLOCH, 2005, p. 250).

Se a obra blochiana tem como pano de fundo histórico a crise capitalista da primeira metade do século XX, na experiência histórica presente o pensamento de Ernst Bloch, apesar de seu ostracismo acadêmico, parece ganhar ainda mais relevância. Na

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

atualidade, o modo de produção capitalista já deixa claro que suas crises não são passageiras, sendo parte destas um aumento crescente do desemprego, de direitos historicamente conquistados, de conflitos entre povos engendrados pelos interesses de grandes grupos econômicos, do terrorismo de Estado, do aumento das tendências bélicas. É sintomático desse processo um avanço contínuo de forças políticas de caráter nazi-fascistas, demonstrando ser uma outra face da democracia burguesa. Contudo, se na primeira metade do século XX tal fenômeno apresentou-se como tipicamente europeu, na crise capitalista contemporânea torna-se um fenômeno mundial. Enfim, “são esses os reflexos de uma sociedade em dissolução, de sua crise e de seu próprio caos” (BLOCH, 2005, p. 251).

Inversamente proporcional ao avanço do desenvolvimento técnico e científico (e o que essas descobertas poderiam significar para os homens), parece haver, com efeito, um aumento da miséria humana (em sentido amplo), a escassez diante da abundância. Conforme Bloch, “é possível que aos progressos do ‘domínio sobre a natureza’ correspondam retrocessos muito grandes da sociedade, e este ‘domínio sobre a natureza’ também terá feições correspondentes. De qualquer forma, representa um fenômeno de uma sociedade violenta”. Mais adiante Bloch conclui: “a técnica existente até hoje se posiciona na natureza como um exército de ocupação em território inimigo” (BLOCH, 2006, p. 250). Dessa maneira, evidencia-se que o desenvolvimento técnico-científico, tal qual ocorreu até hoje – aprofundando-se no quadro das relações de produção burguesas – ocorreu de forma a haver uma convergência entre a exploração da natureza e a exploração do homem, em um estranhamento que distancia homem e natureza.

Na obra em questão, o pensamento de Bloch se apresenta como uma das mais contundentes críticas do capitalismo contemporâneo. Sua exposição com base na atuação do princípio esperança nas produções humanas explicita que o mais profundo sentido da utopia centra-se na incessante busca de concretização da liberdade humana, pois esta só poderia realizar-se, conforme atualização de Marx, com base no processo de “‘naturalização do homem, humanização da natureza’. Isto [para Bloch] representa a eliminação da alienação no homem e na natureza, (...) a harmonia entre o objeto não reificado e o sujeito manifestado” (BLOCH, 2005, p. 237). Dessa forma, opõe-se à certa forma de sociabilidade que é o capitalismo contemporâneo, um tempo distópico que representa a impossibilidade da mediação, da unidade homem-natureza.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O enigma da Esperança: Ernst Bloch e as margens da história do espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ALBORNOZ, Suzana. **Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch**. 2ª edição. Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul: EdUSC, 2006.

BICCA, Luiz. **Marxismo e liberdade**. São Paulo: Loyola, 1987.

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

BLOCH, Ernst. **Filosofia del Rinascimento**. Trad. it. de Gabriella Bonacchi e Katia Tannenbaum. Bologna: il Mulino, 1981.

BLOCH, Ernst. **Héritage de ce temps**. Trad. Jean Lacoste. Paris: Payot, 1978.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança** [1954-1959]. Vol. I. Trad. br. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança** [1954-1959]. Vol. II. Trad. br. Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2006.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança** [1954-1959]. Vol. III. Trad. br. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2006.

BLOCH, Ernst. **Du rêve à l'utopie**: Entretiens philosophiques. Textos escolhidos e prefaciados por Arno Münster. Paris: Hermann, 2016.

BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer, Teólogo da Revolução** [1963]. Trad. br. Vamireh Chacon e Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

BLOCH, Ernst. **L'esprit de l'utopie**, [1918-1023]. Trad. fr. de Anne Marie Lang e Catherine Tiron-Audard. Paris: Gallimard, 1977.

BLOCH, Ernst. **El pensamiento de Hegel**. Trad. esp. de Wenceslao Roces. Mexico; Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1963.

BOURETZ, Pierre. **Testemunhas do futuro**: filosofia e messianismo. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 690.

FREUD, Sigmund. **Los sueños** [1900-1901]. Trad. Luis Lopez-Ballesteros et al., Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos sonhos**. Vol. I. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HORKHEIMER, Max. Filosofia e teoria crítica. In: **Textos escolhidos**. Trad. de José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 155 (Coleção Os Pensadores.).
MÜNSTER, Arno. **Ernst Bloch**: filosofia da práxis e utopia concreta. São Paulo: UNESP, 1993.

MÜNSTER, Arno. **Utopia, Messianismo e Apocalipse nas primeiras de Ernst Bloch**. Trad. br. de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: UNESP, 1997.

PIRON-AUDARD, Catherine. Anthropologie marxiste et psychanalyse selon Ernst Bloch. In: RAULET, Gérard (org.). **Utopie-marxisme selon Ernst Bloch: un système de l'inconstructible**. Payot: Paris, 1976.

Reflexões acerca do marxismo “herético” de Ernst Bloch

ARAGÃO MACIEL, Marta Maria

VIEIRA, Antonio Rufino. Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch. In: **Anais do 5º Colóquio Internacional Marx-Engels**. Campinas: CEMARX/Unicamp. Disponível em: <[www.unicamp.br / cemarx_v_coloquio_arquivos_arquivos / comunicacoes / gt1 / sessao6 / Antonio_Rufino.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx_v_coloquio_arquivos_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf)>.

VIEIRA, Antonio Rufino. **Marxismo e libertação**: estudos sobre Ernst Bloch e Enrique Dussel. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

RAULET, Gérard (Organizador). **Utopie - marxisme selon Ernst Bloch**: un système de l'inconstructible. Paris: Payot, 1976.

ZECCHI, Stefano. **Ernest Bloch**: Utopia y Esperanza en el Comunismo [1974]. Trad. esp. de Enric Pérez Nadal, Barcellona: Península, 1978.